

# UBES: 60 ANOS EM DEFESA DO BRASIL

FINAL

Rafael Minor e Artenius Daniel \*

ANOS 80 - 90

## Reconstruir a UBES, reorganizar o movimento estudantil!

Salvador, 1979. Milhares de universitários de todas as regiões do país vão aos poucos tomando conta da cidade. Apesar dos bloqueios que a ditadura militar montou nas estradas, os ônibus começavam a chegar à capital baiana, muitos deles atrasados. Os jovens que desembarcavam iam se conhecendo, montando seus grupos, começando as conversas. Pareciam não ter medo. Eles iriam reconstruir a União Nacional dos Estudantes.

No meio de todo aquele movimento, ainda um tanto tenso por causa da repressão dos militares, Sérgio, um jovem secundarista de 17 anos, reunia-se com outros colegas de vários estados. Eles não eram universitários mas sabiam que, no movimento do qual participavam, em breve teriam de fazer o mesmo: reconstruir a UBES.

Os jovens aproveitavam o Congresso da UNE para se organizar e planejar as próximas ações. Definiram alguns encontros, conhecidos como ENES (Encontro Nacional dos Estudantes Secundaristas). O primeiro seria em Belo Horizonte, naquele mesmo ano. Depois, no Rio de Janeiro, e, por último, em Salvador, quando foi lançada a campanha “A UBES vem aí”. Estava tudo pronto para a reconstrução da entidade.



O início da década de 80 foi, então, o momento de uma grande campanha popular pelas “Diretas Já”, com o apoio fundamental dos secundaristas, já reorganizados.

O próximo passo seria dado em Curitiba. No ano de 1981, milhares de estudantes secundaristas, oriundos de todas as regiões do país, tomaram conta da cidade. Apesar dos poucos recursos para a viagem, da falta de informações e da ameaça policial, eles não tinham dúvida: participariam do congresso de reconstrução da UBES.

Sérgio estava lá, participando da comissão organizadora. Não havia nenhuma infra-estrutura para a realização do congresso e os estudantes ocupavam um ginásio abandonado. Como ele também não oferecia condições, a abertura acabou sendo feita em uma igreja próxima. Não havia microfone nem equipamento de som para ouvir quem estava falando; só a prática do “alto-falante humano” – que é quando

um fala, e outros trinta mais próximos repetem para todos ouvirem.

Lendo a descrição acima, quem não conhece a história do movimento estudantil pode achar que o Congresso de Curitiba não deu certo, tamanhas eram as dificuldades para sua realização. A verdade, porém, é que a UBES foi, sim, reconstruída naquele ano. Como novo presidente da entidade foi eleito o jovem Sérgio Amadeu da Silveira. Ele fala um pouco mais sobre as dificuldades daquele processo em 1981:

*Eu e outros integrantes da comissão fomos chamados pelo governador do Paraná, que nos falou: “Suspendam o congresso”. Nós falamos que era impossível, está-*

*vamos esperando cerca de 2 mil estudantes. O governador não quis enfrentar, pois achou que seria muito mais prejudicial à imagem do regime militar e do seu próprio governo. Ele deixou que nós realizássemos o Congresso. Porém, logo após ser eleito presidente da UBES, foi preso pela Polícia Federal. Sabíamos que não existia mais a tortura, mas ainda existiam algumas atitudes repressivas*

A reconstrução da UBES, assim como a da UNE, aconteceu em um momento de ofensiva dos movimentos sociais brasileiros, que enxergavam o enfraquecimento do regime e a possibilidade de reconquistar a democracia. Os estudantes secundaristas tinham grande participação nesse cenário, por meio da reorganização estudantil nos chamados centros-cívicos, espaços que substituíram os grêmios escolares durante a ditadura. Se a vontade geral era a de recuperar as liberdades, a primeira coisa que estava na cabeça da juventude era votar pra presidente.

O início da década de 80 foi, então, o momento de uma grande campanha popular pelas “Diretas Já”, com o apoio fundamental dos secundaristas, já reorganizados em sua principal entidade. O presidente da UBES eleito em 1983, Apolinário Rebelo, foi o primeiro a discursar no lendário comício da Candelária, no Rio de Janeiro, em 1984, para um milhão de pessoas. Essa foi a maior mobilização popular pró-diretas e anti-ditadura que ocorreu naquele período.

Apolinário se lembra de outras importantes ações dos secundaristas na primeira metade da década de 80:

*Retomamos o registro legal da UBES nos cartórios do Rio de Janeiro, relançamos o jornal que a UBES tinha e que havia sido fechado em 1964, e conseguimos também realizar o 1º Seminário Nacional sobre a Educação e o 1º Encontro de Escolas Técnicas de Nível Médio. Retomamos as sedes em São Paulo e no Rio de Janeiro e apresentamos o Projeto de Lei de Legalização dos Grêmios Livres no Congresso Nacional*

A legalização dos grêmios foi um dos passos mais importantes na reestruturação do movimento estudantil secundarista. Ela também apagava os últimos ranços da ditadura militar nas escolas e na vida do jovem brasileiro. Desde o golpe militar, a organização estudantil foi sendo extinta e/ou controlada pelo regime. Tudo mudou com o projeto 7938/1985, do deputado federal Aldo Arantes, ex-presidente da UNE. O texto afirma que “aos estudantes de estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus fica assegurada a organização em entidades autônomas representativas dos interesses dos estudantes secundaristas com finalidades educacionais, culturais, cívicas, esportivas e sociais”.

Além da reconstrução dos grêmios, outras entidades estudantis secundaristas foram reaparecendo, como as uniões municipais e estaduais de estudantes. Muitas só voltaram a existir há pouco tempo, nos anos de 2006 e 2007.

**“Eu quero é votar” – é o que estava na cabeça!**

A força dos secundaristas nas manifestações pela reabertura democrática foi tão expressiva que, no primeiro processo eleitoral pós-ditadura, os jovens de 16 e 17 anos ganharam um grande presente: o voto. Foi uma conquista do movimento juvenil estabelecida pela Emenda Constitucional de 10 de maio de 1985 e incorporada na Constituição “Cidadã” de 1988.

Apesar de não ser obrigatório, o voto desses jovens sempre foi expressivo. Por meio da campanha “Se liga 16!”, a UBES percorreu escolas, grêmios e



A força dos secundaristas nas manifestações pela reabertura democrática foi tão expressiva que, no primeiro processo eleitoral pós-ditadura, os jovens de 16 e 17 anos ganharam um grande presente: o voto.

*assim eleita a nova diretoria. Mas nós já sabíamos, de antemão, que eles [o grupo apoiador de Sarney] iam aproveitar aquele incidente para promover a divisão*

associações de todo o país em uma grande movimentação pela participação política da juventude. Como consequência de todo esse esforço, já no primeiro processo eleitoral pós-ditadura, em 1989, mais de 3,5 milhões de jovens foram às urnas. A primeira participação dessa fatia da população em uma eleição não poderia ser melhor, e veio provar que mais de 20 anos de ditadura militar não conseguiram retirar do jovem a vontade de mudar a sua realidade.

Desde então, a UBES realizou a campanha “Se liga 16!” em todos os períodos eleitorais do país. Para além disso, a entidade se manteve sempre contra as tentativas de despolitização da juventude, como ocorreu no processo eleitoral de 2006, quando uma campanha de televisão da MTV buscou estimular o voto nulo entre os jovens. A UBES comprou o debate, criticou a postura da campanha e ressaltou a importância do voto juvenil. O resultado foi que, mesmo com campanha contra, as eleições de 2006 tiveram participação recorde de jovens de 16 e 17 anos.

### **Sarney, o rango e a divisão!**

No meio da década de 1980, logo após a reabertura democrática, o movimento estudantil secundarista passaria novamente por um difícil processo de divisão. O objetivo de todas as forças políticas daquela época era o mesmo: enterrar de uma vez o regime militar e brigar por transformações progressistas no nosso país. A vontade, porém,

era tão grande que teve gente que acabou se desentendendo e partindo em uma direção contrária à da unidade do movimento. E, o que é mais estranho, tudo começou por causa de um almoço. Saca só:

O grande começo da divisão do movimento em duas UBES diferentes aconteceu em 1987, em Brasília, durante o congresso da entidade. O clima era tenso por causa das divergências entre um grupo que defendia a oposição ao presidente da República, José Sarney, e outro grupo que defendia o apoio ao presidente para realizar as mudanças democráticas reivindicadas desde sempre pelo movimento estudantil.

Não bastasse a dificuldade de conciliação entre os dois grupos, naquele congresso a UBES teve sérios problemas com a alimentação servida aos participantes. O resultado foi péssimo: muita gente passou mal. A “crise da comida” impediu o encerramento do congresso e o encaminhamento de todas as questões que estariam na pauta.

Dessa forma, o grupo que apoiava Sarney retirou-se do congresso e decidiu criar a sua própria UBES. O presidente da entidade original na época desse Congresso, Rovilson Britto, explica melhor como foi esse momento:

*Nós abrimos o congresso com o informe do que estava acontecendo e apresentamos a proposta de diretoria consensual, que foi defendida por todas as forças presentes. Tudo foi votado e*

Foi então convocado um Conselho Nacional de Entidades Gerais (Coneg), que ocorreu um mês depois do Congresso, em setembro de 1987 em Minas Gerais. O objetivo do Coneg era o de votar as questões que ficaram pendentes. Foi aí que a divisão se aprofundou e acabou sendo realmente criada uma outra diretoria da entidade.

### **Juntos por um mesmo ideal: a reunificação**

Durante mais de quatro anos, duas UBES falaram em nome dos estudantes. Muitas vezes, a entidade oficial fazia contato com uma escola, ou com o governo, e recebia a resposta: “A UBES já passou por aqui”. As divergências entre os dois grupos continuaram até 1992. Com o fim do governo Sarney e a eleição de Fernando Collor, parte das rixas do passado não tinha mais sentido. Além disso, o crescimento das denúncias de corrupção contra o novo presidente e a política econômica do país não agradavam em nada aos dois grupos.

A ordem da vez era superar a divisão e direcionar as ações para um entendimento. Em agosto de 1992 é formada uma comissão composta pelas diretorias de ambas as entidades com o objetivo de pensar a convocação de um congresso de reunificação, assim como havia sido feito em 1957. No entanto, dado o momento político, o qual exigia a urgente atuação dos estudantes, foi convocado um Coneg já no final de agosto, em São Paulo.

Aconteceu, então, uma decisão curiosa. As duas diretorias se juntaram e elegeram dois coordenadores gerais. A gestão 1992-1993, portanto, acabou sendo presidida em conjunto por Mauro Panzera e Totó Parente. “A costura se deu com concessões de ambas as partes”, explica Mauro. Totó concorda: “Deixamos de centralizar as discussões em nós, e fomos assumir o que o país esperava da sua juventude”, disse.

Em novembro de 1993 tinha lugar o congresso que unificaria de fato a entidade. A partir de então a UBES voltava a ter um presidente único, o paranaense Joel Benin. Outra novidade foi a aprovação das gestões com duração de dois anos.

No horário nobre, a televisão anunciava as cenas dos próximos capítulos da minissérie “Anos Rebeldes”. Nas ruas, os cartazes do movimento estudantil diziam: “Anos Rebeldes, próximo capítulo: *impeachment!*”.

## O presidente Collorido *versus* os caras-pintadas

A reunificação deu tão certo que a nova UBES, dessa vez com todos jogando no mesmo time, protagonizou um dos mais importantes episódios da história do movimento social brasileiro. O “Fora Collor!” foi responsável pelo primeiro caso de impedimento de um Presidente da República em toda a história brasileira.

Ficção e realidade estavam misturadas naquele ano de 1992. No horário nobre, a televisão anunciava as cenas dos próximos capítulos da minissérie “Anos Rebeldes”. Nas ruas, os cartazes do movimento estudantil diziam: “Anos Rebeldes, próximo capítulo: *impeachment!*”. A palavra vem do inglês, e quer dizer “impedimento”. Parecia mesmo coisa de novela, ou melhor, de filme de hollywood, que a força da juventude conseguiria impedir um Presidente da República de continuar no poder. Mas foi o que aconteceu, ao vivo e a cores, naqueles importantes dias.



Passeata no Rio de Janeiro pede o impeachment de Collor

A UBES, que passava por um processo gradativo de unificação no ano de 1992, teve de acelerar esse entendimento entre as forças políticas do movimento secundarista. Não havia tempo a perder: os estudantes começavam a entrar em cena para protagonizar um dos mais importantes episódios da democracia do país.

O primeiro presidente eleito por voto popular, após mais de 30 anos, não agradou o movimento estudantil, nem o resto da população. O alagoano Fernando Collor de Mello, um nome até então pouco conhecido na política nacional, elegeu-se em um processo eleitoral conturbado, com nada mais que 22 candidatos participantes, denúncias de manipulação de debates na televisão e muita polêmica.

O “caçador de marajás”, como o próprio Collor se definia, irritou os brasileiros com medidas como o congelamento do dinheiro da população nos bancos e se envolveu em um grave escândalo de corrupção. Muito antes disso, no entanto, Collor já não agradava o movimento estudantil por implementar uma política pouco preocupada com a questão social e a redução das desigualdades no país.

Famoso por passear de *jet-ski* e ostentar um modelo de vida elitista, Collor não era o presidente que os estudantes esperavam, após anos de luta pela reabertura do país. Isso é o que conta Totó Parente, presidente da UBES no ano de 1992 em conjunto com Mauro Panzera: “Não se tratava só da corrupção. Tinha o problema dessa política neoliberal, que ainda estava tímida naquele momento”, diz.

## Os caras-pintadas

Com o aprofundamento das denúncias contra o presidente, os estudantes foram o primeiro grupo a gritar: “Fora Collor!”. Os secundaristas tiveram papel central nesse processo, que terminou com o impedimento do presidente. Foram os estudantes do ensino médio, organizados pela UBES, que criaram a marca desses dias de 1992: as famosas caras pintadas. Tudo começou no dia 11 de agosto, em uma manifestação convocada pelas entidades estudantis na cidade de São Paulo. Quem lembra com mais detalhes dessa história é o também presidente da UBES naquele ano, Mauro Panzera:

*Os caras-pintadas surgiram com aquela primeira manifestação ali na área de concentração da passeata, que era no MASP [Museu de Arte de São Paulo, na Avenida Paulista]. Estávamos nós, umas cinquenta pessoas, um carro de som grande e começou lentamente a chegar a turma das escolas. Chegou uma turma animadíssima, com algumas meninas com o rosto pintado de verde e amarelo. Então a gente ali, rapidamente, eu, Totó e Reinaldo, a gente achou que seria um negócio bacana pintar o rosto, fantasiar todo mundo [...] Então a gente saiu, foi numa papelaria próxima, comprou alguns potes de tinta guache e saiu pintando todo mundo. Sem a expectativa de que isso viraria uma marca*

As manifestações foram se estendendo por todas as cidades do país, cada vez com mais participação dos estudantes. A grande maioria saía da escola e



seguia direto para os protestos. Em pouco tempo, eram milhares de secundaristas com uniformes escolares, mochilas e rostos pintados de verde-amarelo ou de preto, nesse caso em sinal de luto pela situação do país. Foi um movimento de massas que chamou a atenção da opinião pública e envolveu todo o Brasil. Não dava mais para segurar, os estudantes iriam mesmo retirar um presidente do poder!

Collor foi afastado da presidência da República no dia 2 de outubro, sendo julgado em 29 de dezembro pelo Senado Federal, que cassou seus direitos políticos. No seu lugar assumiu o vice-presidente Itamar Franco. A UBES havia voltado a escrever páginas importantes da história do país, com consciência e maturidade invejáveis para uma entidade recentemente reconstruída e ainda se recuperando de divisões e crises internas. Mesmo com tudo isso, ninguém seguiu os estudantes secundaristas naquele ano de 1992, como relembra Totó Parente:

*Não teria impeachment no Brasil se não tivesse havido a participação da juventude secundarista! Era gigantesco o contingente de jovens que participaram das mobilizações. E a UBES teve um papel histórico: o de assumir tarefas que a própria UNE, inclusive, não assume naquele momento (...) Quem*

*bancou aquelas mobilizações, quem botou a moçada na rua, até pela diferença numérica – tem muito mais secundarista do que universitário – foi a UBES*

## Sai um, entra outro e nada muda: a era FHC e o desmonte da educação

*Estudante:* Achamos que deveria haver mais verbas para o ensino público.

*Fernando Henrique:* Então me ajudem. A UNE e a UBES tem que me ajudar.

*Estudante:* Então aumente as verbas para o ensino público!

*Fernando Henrique (já irritado):* Mas então me ajudem!

*Estudante:* Primeiro queremos mais verbas no ensino público! (Fim da conversa.)

O primeiro encontro oficial do movimento estudantil com Fernando Henrique Cardoso foi em 1994, quando ele ainda era ministro da fazenda do governo Itamar Franco. O tom da conversa mostrou como as relações com Fernando Henrique seriam tensas nos oito anos seguintes (1995-2002), período em que ele foi presidente do Brasil.

Na conversa acima, o estudante é Joel Benin, presidente da UBES entre 1993 e 1995. É ele quem descreve as falas e relembra, com detalhes, as reações de Fernando Henrique. Essa foi uma das poucas recordações desse tipo que o movimento estudantil guarda da era FHC, já que esse presidente tornou-se conhecido pela ausência de diálogo com os movimentos sociais. Joel lembra como foi esse período:

*Foi confronto. Aí já não havia diálogo, havia uma disparidade muito grande de propostas (...) O movimento estudantil se mobilizou muito nesses oito anos. A luta começou a ser de toda a sociedade, contra as privatizações, contra o neoliberalismo. Foi um confronto difícil. Uma coisa era o governo Itamar, que recebia os estudantes, liberava recursos, que tinha um diálogo com o movimento popular e estudantil. Chegamos a tomar chopp com o Itamar. Já com o Fernando Henrique foi confronto desde a época de ministro*

E os confrontos não se deram apenas no plano das idéias. Inúmeras foram as vezes em que estudantes e a polícia tiveram atritos na era FHC. Um dos episódios mais marcantes aconteceu na comemoração dos 500 anos do Brasil, quando movimentos sociais, indígenas e estudantis excluídos das comemorações oficiais foram reprimidos duramente nos arredores de Porto Seguro (BA).

As divergências entre o movimento social e FHC estavam, principalmente, nos rumos da economia do país, cada vez mais atrelada aos interesses do mercado internacional de capitais. Com isso sobrava dinheiro para os banqueiros, enquanto faltava para as políticas sociais. A submissão do presidente ao Fundo Monetário Internacional (FMI) foi responsável pelo célebre refrão: "Fora já daqui! O FHC e o FMI!".

O presidente da UBES em 1995, Kerison Lopes, lembra muito bem dessa relação de distanciamento e confronto:

Inúmeras foram as vezes em que estudantes e a polícia tiveram atritos na era FHC. Um dos episódios mais marcantes aconteceu na comemoração dos 500 anos do Brasil, quando movimentos sociais, indígenas e estudantis excluídos das comemorações oficiais foram reprimidos duramente nos arredores de Porto Seguro (BA).

*O mais marcante era a contradição entre a euforia de ter a força de derrubar um presidente corrupto e a frustração de ter um presidente neoliberal como o Fernando Henrique. Em seus governos, praticamente todas as suas medidas eram prejudiciais aos estudantes, ao povo e à soberania do país. Nosso caminho, portanto, não poderia ser outro a não ser o do confronto. A Ubes enquanto instituição até mantinha relação com as instituições do Governo Federal, como havia de ser, mas com o presidente nunca nos reunimos. Aliás, rolou uma onda nas manifestações contra a reforma do ensino técnico que era ocupar as delegacias do MEC nos estados e, aproveitando a oportunidade, quebrar os quadros oficiais do presidente que ficam pendurados. Acho que foi essa a única proximidade que tivemos com o Fernando Henrique*

No plano da educação, a gestão Fernando Henrique colocou-se na contramão do ensino público, gratuito e de qualidade, principal bandeira da UBES e da UNE desde o surgimento dessas entidades. O ministro da Educação na época, Paulo Renato Souza, ficou conhecido como representante da política neoliberal nos assuntos ligados ao ensino e foi taxado de inimigo número

1 da educação pelos estudantes. A UBES fez muito barulho contra a reforma do ensino médio e técnico que estava sendo feita, a qual desvinculava os cursos profissionalizantes do ensino geral. Kerison recorda das manifestações e campanhas em defesa do ensino técnico:

*Fizemos uma grande campanha em defesa do ensino técnico, com a bandeira do 'Queremos mais que apertar parafusos', que defendia a continuidade da vinculação entre ensino profissionalizante e ensino geral de segundo grau, dando uma formação mais ampla aos futuros profissionais. Respondíamos a um decreto do Governo Federal que fazia a desvinculação. Foi uma luta que aconteceu em todas as escolas técnicas e agrotécnicas do país, traduzindo-se em enormes manifestações*

Outra luta desenvolvida pelos estudantes nesse período foi em defesa da soberania e do patrimônio nacional. Durante os anos 90 uma onda de privatizações tomou conta da política do Governo Federal, com a venda de diversas empresas nacionais, muitas vezes para grupos estrangeiros e a preço de banana.

Um dos episódios mais marcantes dessa época foi a venda da

Companhia Vale do Rio Doce, uma das maiores mineradoras do mundo. Em 1997 a privatização da Vale provocou muitos protestos dos estudantes, em grande parte secundaristas. A presidente da UBES à época, Juliana Nunes, lembra detalhes do que aconteceu durante a venda da Companhia no Rio de Janeiro:

*Todos os movimentos sociais foram para a porta do prédio onde estava sendo feito o leilão. Queríamos realmente conseguir entrar e impedir esse processo, só que o que aconteceu é que apanhamos muito nesse dia, era coisa de Jornal Nacional. No dia seguinte, nas escolas todas, havia aquele sentimento de indignação. Isso fez com que a nossa causa ganhasse muito mais adesões, a imagem dos estudantes secundaristas apanhando na TV repercutiu muito. Aí então o movimento cresceu, apareceu gente de todos os lados e havia mais estudantes do que policiais no fim das contas. Aí houve a história das rosas, uma imagem linda, os policiais do lado de dentro das grades e os estudantes de fora, ao invés de mandar pedras ou algo assim, entregavam flores para os soldados*

Mesmo com tantos protestos, a Vale foi privatizada. No entanto, a venda da empresa foi contestada na justiça e o processo reaberto, levando a uma grande mobilização dos movimentos sociais, incluindo a UBES, pela anulação do leilão. Uma luta que continua sendo travada nos dias de hoje.

## **ANOS 2000**

### **Um movimento estudantil revigorado e antenado nas mudanças da juventude**

O estudante do novo século chegou trocando o caderno pelo computador, falando ao telefone celular, com o ipod no ouvido, comunicando-se freneticamente no msn e no orkut, e com muito mais acesso à informação do que todas as outras gerações de jovens antes dele.

Mas não foi só a tecnologia que fez diferença nos anos 2000. Dentro do movimento estudantil, a participação começou a acontecer cada vez mais cedo, como explica o carioca Igor Bruno, o primeiro presidente da UBES no século 21, responsável pela entidade entre os anos de 2001 e 2003:

*Acho que tem uma diferença marcante no movimento nessa época. A cada congresso, nos encontros, a gente ia percebendo que a turma ia entrando mais nova. Isso porque o jovem também já começava a sair cada vez mais novo no ensino médio. Então a UBES começa a agregar uma faixa muito grande de 14, 15, 16 anos. Isso mostra que, depois de tanto tempo, o movimento secundarista continua jovem, combativo, espontâneo e isso é muito importante*

No Brasil e na América Latina, a virada do milênio trouxe uma série de conquistas políticas das forças populares de diversos países e um sentimento crescente de unificação do continente. No Brasil o fato político mais marcante foi a eleição de Luís Inácio



Manifestação estudantil em São Paulo

O estudante do novo século chegou trocando o caderno pelo computador, falando ao telefone celular, com o ipod no ouvido, comunicando-se freneticamente no msn e no orkut, e com muito mais acesso à informação do que todas as outras gerações de jovens antes dele.

Lula da Silva para a Presidência da República. Filho de retirantes nordestinos, ex-metalúrgico e sindicalista, Lula recebeu o apoio de praticamente todas as forças populares, como lembra Igor:

*A vontade de mudança era muito grande naquele momento, após um período de domínio neoliberal. No congresso que antecedeu as eleições, debatemos qual seria o posicionamento dos estudantes secundaristas e decidimos que a eleição de Lula era muito importante*

No entanto, como nada muda de um dia para o outro, os anos 2000 também chegaram com muita reivindicação e protestos do movimento secundarista. Uma importante bandeira da UBES nesse início de século foi a reserva de vagas nas universidades públicas para estudantes oriundos de escolas públicas. As mobilizações em todo o país fizeram com que o debate chegasse ao Congresso Nacional. Em uma grande passeata liderada pelo presidente Marcelo Gavião, mais de dois mil secundaristas tomaram Brasília em 2004 pedindo a aprovação do Projeto de Lei 3627/04. O projeto foi aprovado recentemente, no segundo semestre de 2008.

Outro importante avanço na área da educação, conquistado após muita reivindicação da UBES e dos movimentos sociais, foi a criação do Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica), no início de 2007. Os estudantes secundaristas também conquistaram o ensino de Filosofia e Sociologia no ensino médio, uma medida aprovada após intensa pressão da UBES e de outras entidades ligadas à educação.

### **A luta pelo passe livre sob a ótica da educação**

O artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação brasileira, de 1996, prevê a obrigatoriedade do Estado em prover o ensino público com base na igualdade de condições de acesso. O texto da legislação é claro: todos os alunos têm que ter as mesmas condições de chegar na escola e de nela permanecer. Porém, a realidade traz à tona um cenário bem diferente. Um dos maiores motivos da evasão

escolar é a falta de recursos do estudante para pagar o seu transporte até a escola. Nas famílias com pouca renda e mais de um filho em idade escolar, a situação se agrava.

A luta pelo passe estudantil no movimento secundarista começou localizada a algumas grandes cidades do país, a partir do final da década de 80. Os estudantes começaram a se reunir em diversos protestos pela ampliação do acesso estudantil ao transporte público, por meio da criação de legislações municipais e estaduais. Durante os anos 90 e no começo dos anos 2000, as manifestações cresceram em proporção, ganharam corpo e tiveram grande repercussão por meio de movimentos como a “Revolta do Busão”, em Salvador, e a “Revolta da Catraca”, em Florianópolis.

No 36º Congresso da UBES, em 2005, a entidade elegeu o mineiro Thiago Franco como presidente e definiu que a luta pelo passe estudantil seria a principal bandeira da gestão. Em 2006, grandes manifestações aconteceram em 40 cidades, com destaque para São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte. Em 2007 o Dia Nacional de Defesa do Passe Estudantil também foi marcado por grandes protestos, como os que aconteceram no Rio de Janeiro, em Manaus e em Brasília.



Manifestação de estudantes pelo passe livre em Natal (RN)

### **Meia-entrada para democratizar o acesso à cultura**

A meia-entrada para estudantes em eventos culturais e esportivos existe desde a década de 1930 no Brasil, segundo relatos do professor Goffredo da Silva Telles e do jornalista Barbosa Lima Sobrinho. O direito, que era garantido inicialmente pelo uso da carteira da UNE, na década de 50 passou a valer também com a carteira de identificação da UBES. Nessa época, os estudantes secundaristas adquiriam os documentos da UBES por meio da própria escola, pois a entidade mantinha um convênio de emissão com o Ministério da Educação, que fazia a distribuição e o recolhimento das solicitações como forma de agilizar o processo de emissão das carteiras.

A meia-entrada sempre foi uma forma de complemento educacional dos conteúdos vistos em sala de aula, ampliando o acesso do jovem aos bens culturais. O direito foi praticamente extinto com a chegada dos militares ao poder em 1964, quando foi imposto o fechamento das entidades estudantis. Após a reconstrução da UBES e da UNE, na década de 80, vários estados e municípios criaram suas legislações próprias para a meia-entrada.

Em 2001, porém, a meia-entrada sofreu um novo revés: a edição,

pelo governo Fernando Henrique Cardoso, da Medida Provisória 2208. A MP permitiu que organizações sem compromisso com a educação ou vínculos com as lutas estudantis pudessem produzir a carteira estudantil, o que gerou uma infinidade de fraudes e a criação das famosas “entidades de gaveta” ou “fábricas de carteirinha”.

Desde então, a UBES luta para resgatar a correta aplicação desse direito, defendendo a revogação da MP 2208 e a criação de uma nova legislação federal para a meia-entrada.

**“Pra você ver / que eu tô voltando pra casa” (Lulu Santos)**

Era muita força para derrubar aquele portão. Não somente a força de cinco mil jovens unidos em uma bela passeata; não somente a força de 33 anos de espera. Era a força de ser jovem, lutando e derrubando grades mais uma vez. Eram a UBES e a UNE voltando para casa, recuperando o terreno da Praia do Flamengo nº 132, invadido e incendiado pela ditadura militar em 1964.

Aconteceu no dia 1º de fevereiro de 2007, durante a culturata (passeata cultural) de encerramento da 5ª Bienal da UNE. Depois de a sede ter sido demolida pelo governo militar, funcionava ali um estacionamento clandestino, interdito pela prefeitura poucos dias antes da Bienal. Assim que entraram, os estudantes levantaram acampamento e não arredaram pé por meses, ocupando o espaço com cultura, debates, recebendo visitas e apoios de diversos políticos e demais personalidades.



Sede histórica da UNE/UBes, na Praia do Flamengo (RJ), reconquistada pelos estudantes

O esforço valeu a pena. O terreno voltou de fato para as mãos dos estudantes com a sentença do Juiz Jaime Dias Pinheiro Filho, da 43ª Vara Cível do Rio. Hoje, com um novo projeto de sede desenhado especialmente por Oscar Niemeyer e entregue aos presidentes da UBES, Thiago Franco, e da UNE, Lúcia Stumpf, os estudantes já planejam as obras do centro cultural que deverá funcionar ali.

No final de 2007, o presidente Lula se reuniu com o presidente da UBES, Thiago Franco, e a presidente da UNE, Lúcia Stumpf, para tratar da construção da nova sede, com apoio do Estado brasileiro. Durante a conversa, o presidente e os estudantes concordaram que a invasão e destruição do prédio na praia do Flamengo é uma dívida social do Estado para com os estudantes.

Na ocasião, o presidente da UBES mostrou-se otimista: “Para nós será muito importante resgatar não só o endereço, mas fundamentalmente toda a história de combatividade e luta que marcou e ainda marca o movimento estudantil”.

Era muita força para derrubar aquele portão. Não somente a força de cinco mil jovens unidos em uma bela passeata; não somente a força de 33 anos de espera. Era a força de ser jovem, lutando e derrubando grades mais uma vez. Eram a UBES e a UNE voltando para casa, recuperando o terreno da Praia do Flamengo nº 132, invadido e incendiado pela ditadura militar em 1964.

Uma história de lutas que vem de longa data, e que continua a registrar importantes capítulos. Ao comemorar os 60 anos de sua entidade maior, os estudantes secundaristas continuam a postos, com flores, idéias e muita coragem para defender o que é dos estudantes e do Brasil. ●

\* **RAFAEL MINORO E ARTENIUS DANIEL** são jornalistas. A pesquisa original para este artigo foi feita por Raísa Luisa de Assis Marques. O trabalho, publicado por Juventude.br em três partes, foi ligeiramente reduzido e teve seu trecho final atualizado pela redação.